

bernardo santareno

OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO

teatro

RESTOS • A CONFISSÃO • MONSANTO
VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS



ÁTICA

BERNARDO SANTARENO



OS MARGINAIS E A REVOLUÇÃO

RESTOS

A CONFISSÃO

MONSANTO

VIDA BREVE EM TRÊS FOTOGRAFIAS

TEATRO

EDIÇÕES ATICA

LISBOA

A capa é da autoria de

MANUEL DIAS



© ÁTICA, S. A. R. L., Lisboa

Direitos reservados para todos os países, de reprodução
no todo ou em parte, nos termos da legislação em vigor

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Tipografia
Macarlo, Lda. - R. Jorge Afonso, 10-A - Tel. 76 54 00 - 1600 - Lisboa

Acabou de imprimir-se em Março de 1979

RESTOS

Quarto de estudante. Mau tempo: Vento e chuva. Em cena, Misu e Tó Mané, ambos com vinte anos. Misu, meio despida e embrulhada num cobertor, está acocorada em cima da cama. Tó Mané, vestindo um velho roupão, está estendido ao comprido no chão, sobre o tapete. Ambos escutam a música dum velho gira-discos. Batem à porta do quarto. Inquietos, crispados. Rápida, Misu tira o disco. Ambos atentos, escutando. Batem novamente. Silêncio. Olham-se, cada vez mais ansiosos. Batem ainda uma vez. Nenhum movimento. Silêncio maior.

TÓ MANÉ

(ouvindo os passos que se afastam. Ironia desalentada)

Era o Zé Carlos.

MISU

(reacção excessiva)

Não quero vê-lo! Não gosto dele. Rasga-me os ner-

vos... *(A tremer:)* Tenho frio! *(Ameaçadora:)* Não o deixes entrar, olha que eu...!

TÓ MANÉ

*(arrasta-se pelo chão e fica de joelhos diante de Misu.
Esconde a cabeça no ventre dela, enlaçando-a.
Triste e doce)*

Já se foi embora. Sossega.

MISU

Tenho frio...!

TÓ MANÉ

*(sempre de joelhos, abre o roupão e fecha-o
sobre o corpo de Misu)*

Não tenhas medo, Misu. Pronto, acabou-se! Estamos sós. Eu e tu. *(Beija-lhe o ventre.)*

MISU

E se não era ele?...

TÓ MANÉ

Era o Zé Carlos. Conheço-lhe os passos, a maneira de bater... tudo. Era ele.

MISU

Não posso com esse tipo! É um estranho.

TÓ MANÉ
(suavemente)

É um amigo...

MISU

Um estranho! Não pensa como nós, não sente como nós, não fala como nós... Um estranho! (*Violência nervosa:*) E quer separar-nos!

TÓ MANÉ

Não é verdade, Misu. Tu estás...

MISU

É verdade! (*Agarrando-lhe raivosa os cabelos e obrigando-o a levantar a cabeça:*) Ajuda-me...!?

TÓ MANÉ
(sereno)

Ajuda-me.

MISU

Tu querias vê-lo. Não mintas...! Eu senti, eu vi. Os teus olhos agora estão parados, distantes, cheios de nuvens... mortos. Há bocado, quando ele bateu à porta, ganharam brilho, movimento, vida! Porcos, são dois porcos! (*Rindo, rasca:*) Resta saber o que é que vocês fazem, quando estão sozinhos...?

Uma igreja católica. Música de órgão. Visível no interior do templo e destacando-se no escuro, um vitral com o tema de «Jesus e S. João Evangelista, o discípulo amado». Por este vitral entra luz que ilumina um confessionário, fechado num dos lados por uma placa de madeira com metal perfurado na parte superior e inteiramente aberto no outro. As mulheres confessam-se do lado protegido e os homens, naturalmente, do outro, ajoelhando-se aos pés do sacerdote sem qualquer intercepção. Em primeiro plano, quatro castiçais com velas altas de metro e meio.

Quando começa o acto, já está ajoelhada no confessionário uma Mulher pobre, com cerca de trinta anos.

MULHER

(aflita)

... Eu não sei como hei-de fazer com o meu homem, senhor Prior...?

CONFESSOR

(que é gordo e tem à volta dos sessenta anos)

Vocês são casados, não são?

MULHER

Pela Igreja. Foi o senhor Prior que nos casou...!

CONFESSOR

Bem sei, minha filha, mas nunca é demais lembrar-te que estás unida a esse homem por um sacramento. O santo sacramento do matrimónio. Isto, é o principal.

MULHER

Mas eu não posso, não sei como é que hei-de viver com ele...?!

CONFESSOR

Tens filhos, não tens?

MULHER

Quatro: Três rapazes e uma menina de dois anos.

CONFESSOR

Baptizados?

MULHER

Todos os quatro. Foi o senhor Prior que os baptizou. Já não se lembra?

CONFESSOR

Lembro, lembro. Mas quero que também tu te lembres de que tens quatro filhos, teus e do teu marido. Quatro filhos baptizados.

MULHER

(*amarga*)

Mas, às vezes, não tenho nada para lhes dar a comer... Deus sabe como a gente passa, lá na minha casa. O meu homem agora está desempregado. E, quando se emprega, é Sol de pouca dura... Estou farta! O que eu ganho, a dias, não chega...

CONFESSOR

Deus to acrescentará. Não duvides, minha filha. O que é preciso é que a graça de Deus reine na tua casa, viva na tua família. A graça, a graça divina é a única riqueza que, verdadeiramente, te deve interessar. O resto... Ora, o resto! Olha, é bosta doirada, mão-cheia de espuma... Pois se Deus nosso Senhor cuida dos lírios do campo e os veste com o vestido mais lindo que alguém já vestiu neste mundo, porque não há-de cuidar de ti e dos teus filhos que têm alma, que são Seus filhos?! Fé ardente, muita esperança e sempre a caridade. Isto chega. Mais não precisas para a salvação da tua alma. E olha que a luta com o Diabo para a salvação da tua alma é a única luta que tens de lutar! O mundo esquece-se desta verdade. E pagará caro. Tu não vês o que se passa por aí, à nossa volta,

nesta cidade de Lisboa, neste país, desde... desde que deitaram os remos ao mar e deixaram o barco à deriva? Raro é o dia que a gente não vê as ruas cheias com uma multidão de lobos raivosos, aos berros, abaixo isto, abaixo aquilo, fora com este, fora com aquele, sempre com as tais reivindicações, a pedir, a exigir mais, mais e mais! Nada os veda. Mas a pedir o quê? Dinheiro, matéria, prazer. Mais, sempre mais! Para essa gente a alma não existe. Deus é letra morta. Liberdade, liberdade! Liberdade para pecar, liberdade para vestir a pele ranhosa do Diabo. Tem cuidado, mulher, não te deixes iludir: Olha que a tua responsabilidade é grande!

MULHER

Os meus filhos têm fome.

CONFESSOR

Tudo se cria neste mundo. Com a graça de Deus, claro!

MULHER

Mas eu sofro muito...!

CONFESSOR

Mais sofreu Deus Nosso Senhor, por ti. Aproveita o sofrimento, mulher, fá-lo render em teu favor, como fermento de santidade, para a salvação da tua alma!

MULHER

Não aguento mais...

CONFESSOR

Com a graça de Deus, aguentarás tudo.

MULHER

O meu marido não quer trabalhar...

CONFESSOR

Ora, não quer! O homem está desempregado, que há-de ele fazer? Foi o bonito serviço que os «libertadores do país» nos arranjam: Desemprego, desemprego e mais desemprego. Hei-de falar à D. Filipa Amaral: Talvez o marido lhe arranje qualquer coisa.

MULHER

Não adianta, senhor Prior. Quando tem emprego, falta, vai uns dias e depois nunca mais lá põe os pés... Tem sido sempre assim. Apanha-me todo o dinheirinho que pode, não quer saber dos filhos, embebedar-se e bate-me...! Ai, eu soffro muito!

CONFESSOR

Mais soffreu a Virgem Maria que era mãe de Deus!